



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12307 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 13 - Educação Fundamental

EXPERIÊNCIAS INSTITUINTES PARA PENSARFAZERNARRAR OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Regina Aparecida Correia Trindade - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Maria Martinha Barbosa Mendonça - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

EXPERIÊNCIAS INSTITUINTES PARA PENSARFAZERNARRAR OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Palavras-chave: movimentos instituintes; ensino fundamental; educação indígena.

Movimentos instituintes como resposta aos desafios da educação

Diante do cenário cada vez mais precário de políticas públicas, de acesso à educação gratuita, laica e de qualidade emancipatória, de gestão pública, por parte das classes populares, *compartilhamos* nossas reflexões sobre os *sentidos* de *instituintes* que atravessam, nossas pesquisas nos âmbitos do doutorado e mestrado, e, nossa compreensão de *investigação*, de atuação, de fazer crítico docente na rede municipal, no Ensino Fundamental I da Educação Escolar Indígena, o chão que é ponto de *partidachegada*.

No horizonte *epistêmicoformativoinvestigativo*, a discussão sobre as questões que envolvem as diferentes compreensões de instituintes e seus tensionamentos com o instituído estão presentes, recorrentemente, no grupo de pesquisa (xx) que participamos. Lugar que tem oportunizado aprofundar e ampliar os tensionamentos entre diferentes contextos de produção de políticas públicas, de propostas sobre a formação docente crítica e comprometida com a superação da opressão, identificando em diferentes contextos a criação de práticas docentes, de estratégias que visam afirmar caminhos alternativos para gestão de práticas político-pedagógicas autorais, comprometidas com um trabalho intencional, consciente, visando a emancipação pedagógica, neste *trabalho docente* como um *princípio educativo* em um

pensar/fazer docente intencional, criativo e criador.

Entendemos que a dimensão dos *sentidos* de *instituintes*, realizadas nas práticas pedagógicas, educativas, em escolas públicas para estudantes das classes populares, grupos e comunidades marginalizadas, reafirmam o trabalho docente como um princípio educativo, superando a perspectiva do docente como mero reproduzidor, acrítico, como um executor técnico de ações pensadas e planejadas por outros, normatizadas, esvaziadas de sentido e aliadas a uma perspectiva de atuação docente alienada e alienante.

Conforme Linhares e Heckert (2009), não é possível situar o instituinte em uma oposição simplificada ao instituído, uma vez que é a partir do instituído que o instituinte é criado, o instituinte se dá no bojo das relações instituídas, institucionais, desta forma, a relação entre um e outro se dão em um emaranhado complexo, cuja relação não pode ser simplificada nesta oposição.

Entendemos que as práticas pedagógicas educativas instituintes são fios tecendo uma colcha de retalhos, tecituras que indicam movimentos, coletivos, de resistência na educação e na prática docente, aos modelos instituídos, impostos, excludentes, desiguais, opressores mantendo viva a reinvenção da escola e de seus processos criadores, a autonomia de um fazer docente que se quer em sua inteireza (FREIRE, 2005).

Quando mencionamos o termo *instituinte* estamos compreendendo como

As experiências instituintes não se encontram sob nenhum tipo de redoma que as pudessem separar do que já está instituído. Pelo contrário. Um e outras estão sempre juntas e em litígios, buscando expandir-se, ou seja, penetrar no espaço e tempo histórico. Se as experiências instituintes procuram desdobrar-se em movimentos criadores e estremecer o que foi organizado pela história, o instituído também procura incorporar o que ainda está se processando, buscando institucionalizar, normatizar o instituinte. (...)

(...) as experiências instituintes são ações políticas, produzidas historicamente, que se endereçam para uma outra educação e uma outra cultura, marcadas pela construção permanente de um respeito à vida e uma dignificação permanente do humano em sua pluralidade ética, numa afirmação intransigente da igualdade humana, em suas dimensões educacionais e escolares, políticas, econômicas, sociais e culturais. (LINHARES, HECKERT, 2009, p.6)

Situamos, em diálogo com as autoras, a narrativa trazida a partir do cotidiano de uma escola indígena, sua problematização, tomando como referência a necessidade contínua de criação, de reinvenção de práticas educativas historicamente normatizadas, hierarquizadas,

colonizadas, excludentes, para as quais temos plena clareza de que a resistência se dá em diversos âmbitos e lutas, que focaremos em particular na experiência da reflexão, problematização e reconhecimento da pauta indígena na educação brasileira.

Água que corre entre pedras... a resistência indígena na educação

Utilizar as brechas, como a água que corre entre pedras, é a reflexão que trazemos das experiências cotidianas que uma das autoras vivencia na Educação Escolar Indígena numa escola Guarani, no território Tekoa Ara Hovy, Aldeia Céu Azul, na reserva ambiental na Serra da Tiririca em Itaipuaçu em Maricá no Rio de Janeiro. Atualmente a escola atende seis crianças Mbya Guarani em seus quase 50 m² atendendo o primeiro segmento do Ensino Fundamental.

Na contramão do que prevê as Diretrizes Nacionais para a Educação Escolar Indígena, ainda não há ainda uma regulamentação destas escolas no município, inicialmente a sala de aula era as sombras das árvores com um professor guarani somente, a bi docência ocorre a partir de 2018 quando uma professora não-indígena se junta a equipe.

Se a existência da escola é um resultado das lutas das comunidades indígenas, sua concretude se dá nas ações cotidianas de professores/as e comunidade, nos encontros entre diferentes conhecimentos e línguas, por isso, ser multisseriada, bilíngue e diferenciada é uma característica inerente a existência dessa escola.

As práticas instituintes que são reexistências no cotidiano e que produz uma educação diferenciada apesar das limitações impostas, problematiza nossos olhares para/com a infância indígena e faz nosso fazer pedagógico ser atravessado por reflexões críticas das nossas práticas, bem como, pela construção de caminhos para superar as limitações de materiais didáticos específicos em língua materna ou bilíngue. Pois, não existe Educação Escolar Indígena sem Educação Indígena, tendo em vista que os sujeitos desta escola, vivenciando um contexto específico se contrapõe a visão dicotômica, que caracteriza a lógica colonizadora europeia e essa relação se dá através da reciprocidade, de circularidade que define o Mbya Reko, o modo de ser e viver do povo Guarani.

Por isso, se deve respeitar e influenciar pela perspectiva Guarani quando apontam que as crianças são sujeitos de direitos que devem usufruir da liberdade para adquirir os conhecimento da e com a *comunidade de território*, e assim vivenciar seus modos próprios de aprender, recebendo os aconselhamentos, mas, permitindo que a criança experencie, de forma plena, esses aprendizados. (NOBRE, 2016)

Portanto, as tensões estão sempre presentes na relação da escola/comunidade, articular os discursos e documentos que exaltam a diversidade com as práticas instituídas, compreendendo a diferença, respeitá-la e, principalmente garanti-la é o grande desafio que quem atua na Educação Escolar indígena.

Compreendemos que tais tensionamentos impulsionam a reflexão sobre os sentidos instituintes, nos provocando a pensar nas práticas cotidianas docentes que são formas de criação e resistência. A efetivação da educação escolar indígena diferenciada, intercultural e bilíngue é parte de um todo, que é o território, que é existência de um povo que faz. Nesse sentido, pensar as relações entre o instituído e o instituinte em escolas indígenas no passado e no presente nos ajuda a movimentarmos no agora para garantir uma escola crítica no futuro.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 49ª Reimpressão. Paz e Terra, 2005.

LINHARES, Célia; HECKERT, Ana Lúcia. Movimentos instituintes nas escolas: afirmando a potência dos espaços públicos de educação. **Revista Aleph**, n. 12, p. 5-12, set. 2009.

NOBRE, Domingos. **Entre a escola e a casa de reza: Infância Cultural, e linguagem na formação de professores indígenas guarani**. Niterói: EDUFF, 2016.